

ANÁLISE COMPARATIVA DO ROMANCE E FILME BALZAC E A COSTUREIRINHA CHINESA E DAÍ SIJIE

Kárita Andrade Cavalcante – UEG

Karine Silva Souza – UEG

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relacionar o romance *Balzac e a costureirinha chinesa* a produção cinematográfica ambos do mesmo autor Dai Sijie, partindo do pressuposto de que a literatura tem suas especificidades, pois o escritor vive em um mundo de experiências sócio-históricas e toda a sua criação é resultado de diversas interações, a criação do cenário, os personagens, já com relação ao filme desde o seu principio, possui um ponto de partida diferente da literatura, uma vez que ele é um resultado coletivo que depende de um grupo enorme de profissionais e mesmo que o diretor seja a peça chave, há marcas de cada uma das pessoas que desempenharam seu trabalho durante a produção cinematográfica. A referência que estabelecemos quanto à literatura e ao cinema é pela condição de que ambos apresentam dependência do entrelaçamento entre autor e espectador. Em *Balzac e a Costureirinha chinesa* não é diferente uma vez que tivemos a produção do filme dirigido por Dai Sijie e Nadine Perront, o filme aborda o período da “Revolução Cultural Chinesa”, desta forma Balzac destaca a importância da literatura na formação da consciência individual.

Palavras-chave: cinema, literatura, literatura comparada

Introdução

O livro *Balzac e a costureirinha chinesa* foi o primeiro romance escrito pelo cineasta chinês Daí Sijie, que retrata a China no final da década de 60 e o início da década de 70, período em que o líder Mao Tsé Tung lançou a campanha de reeducação que mudou o país. A doutrina conhecida como Maoísmo seguia a corrente o ideário de Karl Marx, que foi adaptada às condições chinesas. Durante seu governo foram fechadas universidades e os “jovens intelectuais” foram mandados para o campo, para serem reeducados por camponeses.

A literatura tem suas especificidades, pois o escritor vive em um mundo de experiências sócio-históricas. O que o autor cria é resultado de diversas interações, não é fácil escrever, seja o que for, criar um cenário, um universo de personagens. A referência que fazemos com relação à literatura e ao cinema é pela condição de que os dois apresentam dependência do entrelaçamento entre autor e espectador.

Com relação ao filme desde o seu principio ele possui um ponto de partida totalmente diferenciado da literatura, uma vez que o filme é um resultado coletivo, depende de um enorme grupo de profissionais. Apesar de o diretor ser uma peça chave, há marcas de cada uma das pessoas que desempenharam seu trabalho na realização da produção cinematográfica. Em *Balzac e a*

Costureirinha chinesa não é diferente uma vez que tivemos a produção do filme dirigido por Dai Sijie e Nadine Perront um filme muito belo baseado no livro escrito pelo próprio Dai Sijie, o filme aborda o período da “Revolução Cultural Chinesa”, que consistia na reeducação dos intelectuais urbanos com valores camponeses no processo da pós-revolução maoísta, desta forma Balzac destaca a importância da literatura na formação da consciência individual.

A diferença básica e clara entre o romance e o filme, é a comunicação verbal e visual, ou seja, o leitor cria uma imagem mental ao ler um livro, imagina os personagens através das descrições feitas pelo autor, os ambientes, os objetos, em fim envolve nosso imaginário, enquanto que o filme trabalha o aspecto visual, sonoro, que não temos no livro. O romance e o filme *Balzac e a Costureirinha Chinesa* tem algo incomum, ambos contam a história de um povo, em um momento político e cultural da China Comunista, mostrando um cenário campestre, onde as pessoas tem que trabalhar para conseguir seu sustento. A escolha do lugar foi pertinente, pois condiz com a descrição feita no romance e combina com o ambiente proposto pelo regime maoísta, ou seja, ambientes naturais.

O filme e suas especificidades

Ao refletirmos sobre o filme *Balzac e a Costureirinha chinesa*, percebemos figuras centrais como Luo, Ma e a Costureirinha, logo de início traz uma apresentação do cenário formado pelas seguintes oposições abordadas por Valéria Pereira (2009): “a natureza e a cultura, letrado e iletrado, primitivo e civilizado dentre outros,” essa oposição abordada pela autora aparece em várias cenas do filme, como é o caso da cena em que os camponeses moradores da Montanha Fênix não reconhecem o violino, o objeto nesse caso passa a pertencer a um mundo totalmente diferenciado do que eles estão acostumados, colocando- os assim em uma situação oposta de realidade cultural.

Outro aspecto importante a ser abordado é a questão das cores, no decorrer do filme, aparecem lugares cujo ambiente é fechado, escuro, bucólico, e até mesmo por falta de iluminação como, por exemplo, a Montanha Fênix representando bem o sofrimento das pessoas que viveram naquela época, e ambientes abertos que representam o lado bom da vida no campo representado pelos cenários dos lagos, as árvores, enfim a natureza, que proporciona uma vida mais tranquila afastada do agito da cidade.

Vale ressaltar que logo no início do filme percebemos os jogos de luzes que representam as trevas, é visível a partir das cores escuras, ambientes fechados e no decorrer da história o ambiente

começa a ganhar luz ao mesmo tempo em que Costureirinha começa a descobrir os livros e o gosto pela leitura, que insinuam que a protagonista se liberte das trevas de sua “ignorância”.

Essa exposição de oposição é quase didática que o filme traz como artimanha do expectador compreender as fronteiras estabelecidas, e facilita a leitura de um espectador menos atento a esses detalhes.

Um ponto interessante que deve ser considerado é o olhar dos personagens Ma e Luo, perante os camponeses, porque é possível enxergar um olhar de colonizador, o olhar de alguém que está em alguma vantagem no mundo que será colonizado, a vantagem nesse caso seria o fato deles serem letrados, mais capazes, na fala de Luo “vou ler para a Costureirinha, vou tira-la da ignorância”. A Costureirinha responde de maneira oposta, pois, embora tenha sido contaminada por essa cultura, ela avança para os seus interesses, o que faz com que ela rompa a dependência de seu colonizador, que é visto ao final da narrativa.

Aspectos relevantes do romance

O romance aborda questões políticas e culturais da China, através da história de três jovens Luo, Ma e a Costureirinha. Os dois rapazes foram mandados para o campo, a fim de aprender como o homem do campo leva uma vida simples, longe dos costumes burgueses, e do capitalismo. Durante a “reeducação” os amigos se apaixonam pela Costureirinha chinesa, uma menina simples que vivia com seu avô alfaiate. Diferentemente dos rapazes a Costureirinha não era letrada, não sabia ler e por isso Luo falava que tinha que curar sua “ignorância” através da leitura. Entretanto nesse processo de reeducação era proibido ler ou ter qualquer contato que fosse com um livro.

É importante destacar que na cena em que Luo ensina a Costureirinha a escrever e faz com que ela escreva e repita oralmente por várias vezes a frase “eu te amo”, permite ler uma tentativa de dominar os sentimentos da jovem. Mesmo que o desejo do rapaz seja de “retira-la da ignorância” ele não queria liberta-la e sim que ela se prendesse ao mundo que ele havia apresentado a ela. Conforme demonstram Bourdier e Chartier (2001):

Faz-se interessante notar que, ao final da trama, ocorre algo inesperado, a Costureirinha não corresponde ao que é esperado dela, segundo seus zelosos leitores, pois, ao apropriar-se do texto de Balzac, ela constrói um novo mundo interior, à revelia do que poderia supor seu "mentor" intelectual, o companheiro Luo. O que podemos ver é que, afinal, "um livro pode agir através de contrasensos, isto é, através daquilo que do ponto de vista do leitor legítimo, armado de

seu conhecimento do texto é um contra-senso. (BOURDIER; CHARTIER, 2001, p. 245).

O mundo vivido pelos personagens da Montanha Fênix é bem diferente da realidade vivenciada pelos escritores ocidentais, os bailes, a vida agitada, a sofisticação das roupas, os amores, ou seja, um mundo idealizado cheio de sonhos, que aos poucos foi tomando conta da Costureirinha. Nas Montanhas Fênix de acordo com Pereira (2009): há forças em tensão, embate de discursos e lutas de representação, e, por isso, é preciso considerar que, de certa forma, o poder do "intelectual" e da cultura letrada, em alguns momentos, sobrepõe-se à ignorância dos camponeses.

O personagem Luo utiliza recursos criativos/argumentativos como é o caso de tocar a composição de Mozart, a fim de que não queimassem o violino dele, entretanto essa vantagem entra em desvantagem a partir do momento em que ele e Ma são levados para longe de seu lugar de origem, o que faz com que eles também sejam vítimas de um regime que foca na oposição entre o fazer e o pensar, pois os rapazes se submetem a reeducação e usa isso na tentativa de controle sobre eles, por meio do trabalho braçal.

Perspectivas culturais abordadas

Com relação à cultura chinesa percebemos os conhecimentos possuídos por eles com relação às ervas ao curarem Luo da malária. Ao ver essa cena, acreditamos ser uma completa barbárie, tanto essa cena quanto a das feiticeiras, chegamos a pensar que era muita ignorância, entretanto o que realmente vem a ser ignorância? Não sabemos ao certo, pois nesse caso não é ignorância, é uma cultura que merece respeito assim como a nossa. Outro caso interessante a ser abordado é a alienação, pois será mesmo que só o povo que vivia na montanha Fênix era alienado, ou será que a sociedade em si é alienada? Para responder essas questões temos que analisar a importância da leitura tanto na vida da Costureirinha, quanto daqueles “reeducandos”.

Outro ponto que deve ser ressaltado é a proibição das leituras de determinados materiais escritos, não somente no mundo das montanhas, tendo em vista que na cidade o médico compra um exemplar de um livro vendido por um dos rapazes, a restrição acontece em toda a China comandada pelo presidente comunista Mao, essa prática foi difundida inúmeras vezes, na tentativa de manter o controle sobre os processos sociais. Tratando de maneira mais específica da “ditadura do proletariado” que tem o intuito de frear o processo de contaminação cultural a todo o custo, quando

proíbe a leitura, principalmente de autores ocidentais, oriundos de sociedades capitalistas.

No entanto mesmo diante da opressão do Exército Vermelho, outra revolução acontece diante do momento em que Luo, Ma e a Costureirinha ao abrirem uma mala velha e empoeirada cheia de obras literárias de Balzac, Flaubert, Baudelaire, Rousseau, Dostoiévski dentre outros livros proibidos, que lhes revelam uma realidade desconhecida por eles. Por meio dessas descobertas os jovens passam a compreender que existe um mundo além das fronteiras chinesas.

A maior transformação foi relacionada à protagonista a Costureirinha, pois quanto mais ela conhecia a obra de Balzac, mais se transformava. Durante essa fase de descoberta de “mundo” a Costureirinha passou por experiências além da leitura como, por exemplo, a descoberta da sexualidade, o aborto, a distância de Luo, e é nesse momento delicado de sua vida (o aborto no livro acontece em um hospital e no filme ocorre na aldeia) fizeram com que ela perdesse a sua inocência e fez aumentar sua vontade de conhecer o mundo. De acordo com Pereira (2009):

É preciso desconfiar da afirmação do poder do livro ou da leitura por si mesmo; na verdade, com relação à efetivação deste poder, que, certamente, não possui grau zero, é necessária a existência de um leitor com olhos para ver, predisposto às mensagens do texto (sabem-se lá quantas, dentre as infinitas escondidas no emaranhado tecido das idéias do mundo). No caso de nossa personagem, a Costureirinha, ela demonstra esta predisposição, pois uma frase sua proferida no início da narrativa, antes mesmo de ter contato com os livros, confirma o pensamento: "às vezes fico pensando como é o mundo em outros lugares". (PEREIRA, 2009, p.9).

Percebemos a mudança da Costureirinha também pelo seu vestuário, a princípio era simples, sem muitos atrativos, mas ao visualizar as imagens no livro começa a confeccionar um sutiã, que foi novidade para suas amigas da aldeia. Para ela o sutiã era sinal de libertação, enquanto que no ocidente as mulheres estavam queimando os sutiãs como forma de se libertarem de uma sociedade machista e repressora. Esse movimento começou na metade do século 1960 e durou até a década de 1980 e fazia com que as mulheres pensassem sobre o seu papel na sociedade, e do mesmo modo que elas estavam lutando no ocidente a Costureirinha lutava aqui para se libertar. Além do sutiã ela muda o corte do cabelo, deixando-o curto (corte que na época era considerado mais masculino) usando casaco masculino e tênis. No final a Costureirinha vai embora deixando Luo arrasado e dizendo que Balzac à transformou.

Segundo Barthes, mesmo sendo um autor homem, conseguira antecipar os sentimentos femininos, mas, desde já, tenho que aceitar que o impossível para ele seria prever, num universo de

infinitas leitoras, uma que não fosse *modelo* ou *ideal*, como a jovem costureira, haja vista o fato de ser a personagem uma ficção do diretor/autor, já relendo o próprio Balzac.

Considerações finais

Consideramos que tanto o filme quanto o romance *Balzac e a Costureirinha chinesa* têm sua relevância, pois cada uma utiliza de artimanhas diferentes, como no livro o escritor possui uma tarefa nada fácil de levar o leitor a caracterizar personagens, cenários e outros, e que da mesma forma no cinema o diretor recebe essa árdua atividade, mas que faz uso de outros recursos, tanto o livro quanto o cinema procuram passar a mesma mensagem para o público alvo, destacamos que o diretor Dai Sijie leva o espectador a perceber características que poderiam passar despercebidas por um leitor mais distraído durante a leitura do romance, como o olhar de Luo para a Costureirinha que no filme são demonstradas de maneira quase didática. O que faz com que tanto o livro quanto o filme tenham sua importância enquanto arte.

REFERENCIAS

BALZAC e a Costureirinha Chinesa. Direção: Dai Sijie. [S.I.:s.n.], 2005. 111 min., son., color.

LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o Leitor**: textos de estética da recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2007.